CALONGA, M. D. O jornal e suas Representações: Objeto ou Fonte da História? Comunicação e Mercado. Revista Internacional de Ciências Sociais Aplicadas da UNIGRAN. v. 1, p. 79-86, 2012.

“ Enquanto os historiadores metódicos viam no documento, e mais, apenas nos documentos oficiais a possibilidade de investigação histórica cientifica, a procura de uma certeza objetiva, os Annales, reusando esta ideia, afirmavam ser o discurso histórico fruto das interferências do historiador, de sua escolhas, de seu olhar. O historiador, nesse sentido, não estaria mais submisso ao documento.” p. 80

“Somente a partir da chamada terceira geração dos Annales, os caminhos abriram-se efetivamente aos impressos. Os historiadores pertencentes a esse grupo, incluindo-se Jacques Le Goff, Georges Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, entre outros, propuseram novas aberturas, problemas e abordagens. Sem negar definitivamente a análise estrutural da segunda geração, com seu expoente máximo Fernand Braudel, os Annales promoveram um relacionamento íntimo da História com a Linguística, Psicologia e Antropologia, nesse sentido, incorporaram um modelo essencialmente interdisciplinar, sobretudo, em relação à metodologia. Portanto, neste contexto, a história multiplica suas curiosidades. Desloca-se a análise histórica para a descontinuidade, a ruptura, o novo, fragmenta-se numa especialização extrema. Segundo Le Goff e Pierre Nora:

“A novidade parece-nos estar ligada a três processos: novos problemas colocam em causa a própria história; novas abordagens modificam, enriquecem, subvertem os setores tradicionais da história; novos objetos, enfim, aparecem no campo epistemológico da história.” (LE GOFF; NORA, 1978, apud, DE LUCA, 2010, p.113) “ p. 80

“Nesta conjuntura os impressos são validados no campo de análise do historiador. O discurso da imprensa e sua linguagem não se restringiam apenas a um conjunto de vocabulários, mas antes, seriam capazes de desvelar o nível básico das relações sociais. Expressam-se, portanto, através dos jornais, as forças políticas dos grupos que compõe a sociedade, desse modo:”

“Torna-se, então, fundamental ao analisar os jornais, “*relacionar tex­to e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos*” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p.378). Deve-se ainda considerar que a construção do fato jornalístico interfere não apenas em elementos subjetivos de quem os produzem, mas também dos interesses aos quais os jornais estão vinculados (CAPELATO, 1988).” p.84

“Os impressos são produtos forjados a partir de representações contextualizadas da realidade. O que, invariavelmente, revelam formas simbólicas de luta pelo poder de representar, afirmando-se, com isso, a memó­ria de um grupo ou mesmo de partidos políticos. Segundo Capelato, “*nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da socieda­de* (CAPELATO, 1988, p.34). Identifica-se, portanto, nos impressos, as “*lutas de representações decorrentes do recuo da violência física; e para a constatação de que o poder depende do crédito concedido à representação*” (CARVALHO, 2005, p.150).” p. 85

“O historiador, dessa maneira, procura estudar os jornais como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos impressos (CAPELATO, 1988).”p. 85